

O leitor e a leitura literária numa noite de inverno/ *The reader and literary reading on a winter night*

*Mario Ribeiro Morais**

*Jonas Pereira Lima***

*Márcio Araújo de Melo****

RESUMO

A literatura é uma extensão da vida do leitor. Descortinar horizontes e construir sentidos na leitura demandam um envolvimento subjetivo. Investigamos neste artigo, perpassado de subjetividade, o percurso personalíssimo do leitor e da leitura na obra *Se um viajante numa noite de inverno*, de Italo Calvino. Discutimos o papel do leitor subjetivo no âmbito da teoria do efeito estético, no qual os pontos de indeterminação, os lugares vazios são preenchidos pelos ecos, devaneios, emoções, repertórios e imaginações dos leitores fictício e empírico. Como evidência da subjetividade leitora, analisamos a partir do romance as figuras de leitores escriba, intérprete, vagante e viajante, relacionadas às estações climáticas do ano primavera, verão, outono e inverno, e às fases da vida infância, juventude, maturidade e terceira idade. Na companhia dos protagonistas do romance, o Leitor e a Leitora, iniciamos a jornada da leitura na estação de trem, numa noite invernal, e aportamos na borda do despenhadeiro, ao lado de uma cova vazia. Como leitores personalíssimos, que história espera o nosso fim lá embaixo? Este e outros enredos/análises nos revelarão a trajetória do leitor real e da leitura subjetiva.

PALAVRAS-CHAVE: Efeito estético; Leitura subjetiva; Modelos de leitores.

ABSTRACT

*Literature is an extension of the reader's life. Uncovering horizons and constructing meanings in reading demands a subjective involvement. We investigate in this article, pervaded by subjectivity, the personal journey of the reader and of the reading in Italo Calvino's work *Se um viajante numa noite de inverno*. We discuss the role of the subjective reader within the framework of the theory of aesthetic effect, in which the points of indetermination, empty spaces are filled by the fictitious and empirical readers' echoes, daydreams, emotions, repertoires and imaginations. As evidence of reading subjectivity, we analyze from the novel the figures of scribe, interpreter, vagrant and traveler, related to the climatic seasons of the year spring, summer, autumn and winter, and to the phases of childhood, youth, maturity and old age. In the company of the protagonists of the novel, the Reader and the Reader, we began the journey of reading at the train station on a wintry night, and carried on the edge of the cliff, beside an empty pit. As personal readers, what history awaits our end down there? This and other plots/analyzes will reveal the trajectory of the real reader and subjective reading.*

KEY-WORDS: *Aesthetic effect; Subjective reading; Models of readers.*

1 Considerações iniciais

* Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura da Universidade Federal do Tocantins - UFT, Araguaína, Tocantins, Brasil, moraismarioribeiro@gmail.com.

** Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura da Universidade Federal do Tocantins – UFT, bolsista Capes, Araguaína, Tocantins, Brasil, jonnasplima@hotmail.com.

*** Doutorado em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Professor Adjunto II da Universidade Federal do Tocantins - UFT, Araguaína, Tocantins, Brasil, marciodemelo33@gmail.com.

Com o advento dos estudos da Teoria do Efeito e da Estética da Recepção, nas últimas décadas do século passado, o leitor e a leitura ganharam maior espaço no campo da teoria da literatura, ao sair das margens para o centro da abordagem. Essas abordagens de estudo, que examinam o papel do leitor na interpretação do texto literário, têm desenvolvido suas práticas com ênfase na valorização da diversidade do olhar dos sujeitos na produção de sentido, contrapondo-se à abordagem imanente sobre o autor ou sobre o texto, exclusivamente, cujas análises são características dos estudos da Nova Crítica, do Estruturalismo e do Formalismo Russo.

A leitura e o leitor, com a Teoria do Efeito e a Recepção Estética, são traçados por um novo percurso. Nesta jornada, ambos se aproximam pela subjetividade, com a evidência dos ecos íntimos, dos devaneios, das emoções, das percepções do leitor na leitura e, com efeito, configura-se uma gama de modelos de leitores subjetivos, que neste artigo ganham destaque o vagante, o escriba, o intérprete e o viajante.

Nesta investigação, ao selecionarmos para análise o romance, *Se um viajante numa noite de inverno*, de Italo Calvino, que trata sobre a leitura e o papel do leitor diante do texto literário, optamos por uma investigação das figuras subjetivas de personagens-leitores. Dito posto, abordaremos algumas das características desses leitores que Calvino configura ao longo de sua obra. Para iniciar este artigo sobre o percurso do leitor, primeiro discutimos, brevemente, sobre os estudos da teoria do efeito; depois tematizamos a subjetividade na leitura, apresentando as figuras dos leitores, sendo relacionadas com as estações do ano, visto que a obra do romancista, no título, faz menção ao inverno; por fim, aplicamos as figurações à obra de Italo Calvino (1999), visando responder a pergunta sobre o leitor e a leitura veiculados no capítulo final do romance: *Que história espera seu fim lá embaixo?*

2 O leitor e a leitura literária na esteira do efeito estético

A história da crítica literária apresenta importantes escolas que influenciaram a forma de pensar a leitura de literatura, apontando para a importância de se visibilizar a abordagem subjetiva do leitor, em detrimento da objetiva, de ênfase no autor e no próprio texto. A interpretação analítica e objetiva priorizava a dissecação do texto e a

intencionalidade da autoria. Com efeito, o leitor, desses três, foi o menos privilegiado. Eagleton (2006) periodiza a história da moderna Teoria Literária em três fases: uma preocupação com o autor (romantismo e século XIX); uma preocupação exclusiva com o texto (Formalismo Russo de Propp, Nova Crítica Americana, Estruturalismo); e uma transferência da atenção para o leitor nos últimos anos, a partir dos estudos na área da Estética da Recepção – fundada na efetiva recepção histórico-literária das obras, na noção de horizontes de expectativas (JAUSS, 1993; 2002) e da Teoria do Efeito – fundada na carência apelativa de sentido que a obra traz, que só se completa pela presença ativa do leitor (ISER, 1996, 1999), priorizando a interação texto-leitor em uma perspectiva fenomenológica.

Nos estudos de Iser (1996, 1999) sobre a teoria do efeito, a natureza da obra literária determina as características da leitura e seus efeitos como objeto intencional, que carece de determinação plena. Assim, Iser defende a tese de que o texto é um dispositivo a partir do qual o leitor constrói suas representações, sendo as estruturas textuais as que propiciam ao leitor experiências reais de leitura. O referido teórico caracteriza o texto literário pela incompletude – os chamados pontos de indeterminação – de modo que a literatura se realiza na leitura. Nesse sentido, tais incompletudes do texto são preenchidas, na leitura dialética, pelas experiências de mundo, pela historicidade do leitor. Iser discute também o conceito de leitor implícito, que propõe um modelo ao leitor real como uma construção textual.

O leitor implícito, para Iser (1999), é uma estrutura textual que prevê a presença de um receptor, de modo que o papel do leitor real ou empírico não é idêntico ao do leitor fictício ou leitor modelo, retratado no texto. O efeito estético requer a participação do leitor e da sua leitura, das suas atividades imaginativas e perceptivas. No ato da leitura, o leitor mobiliza horizontes de expectativas, seus repertórios, num jogo de retenção (memorização, lembranças transformadas, abertura dos horizontes interiores do texto, apreensão) e protensão (antecipações, agrupamento da *Gestalt* – que é a autocorrelação dos signos textuais), como pensa Iser. O repertório apresenta duas funções: (a) “ele incorpora uma determinada realidade não-textual ao texto”; e (b) ele “oferece ao leitor determinados conhecimentos ou invoca conhecimentos sedimentados” (ISER, 1999, p. 171).

Na compreensão do papel do leitor no ato da leitura, no âmbito do preenchimento dos lugares vazios, dos pontos de indeterminação, Iser (1999) apresenta o princípio da negação como uma possibilidade de equilíbrio da assimetria entre texto e leitor. A negação se constitui como um campo de sedimentação das atividades imaginativas do leitor e/ou como um campo de incorporação de outros sentidos construídos pelo repertório do leitor, visto que ela “produz um lugar vazio dinâmico no eixo paradigmático da leitura” (ISER, 1999, p. 171). A negação impulsiona o leitor a atos de representação, confirmados pelos horizontes de expectativas ou frustrados pela negação das normas sócio-históricas e dos valores em que o leitor acredita, veiculados no repertório do texto.

As contribuições teóricas da Teoria do Efeito apontam para a importância do papel do leitor empírico, subjetivo, frente à interpretabilidade personalíssima do texto literário, daí o termo personalíssima, que aponta para a valorização dos aspectos subjetivos do leitor no ato da leitura. Tal modo de perceber a importância do leitor convive lado a lado a leitura analítica – com ênfase na intenção do autor e na detalhada interpretação objetiva da obra, que prevaleceu no romantismo, no século XIX e na Nova Crítica Americana.

3 Aspectos subjetivos da leitura: construções figurativas do leitor

Proveniente da análise estrutural proposta pelo Formalismo Russo, caracterizada pela abordagem convencional da história da literatura, cronológica e progressiva, as práticas de análise crítica do texto literário deixaram pouco espaço à subjetividade do leitor. A leitura analítica, a partir da dissecação dos elementos macroestruturais do texto, tem sido alvo de críticas, porque ela não dá voz ao leitor, para que ele compartilhe e exprima suas percepções, seus sentimentos, suas paixões, seus sentidos construídos durante a leitura. Por outro lado, a leitura cursiva ou subjetiva, defendida por Rouxel (2012), embora seja uma matiz de ordem distinta, com visada e objetivos manifestadamente dispares da Recepção Estética de Jauss (1993, 2002) e da Teoria do Efeito de Iser (1996, 1999), apresenta-se como uma vertente da implicação do leitor, em havendo, portanto, uma valorização singular do sujeito empírico no ato de ler, porque a

leitura cursiva é caracterizada pela flexibilidade, fluidez e reflexividade, é uma proposta de apropriação da singularidade da obra, porque confere ao leitor mais liberdade e introduz suas reações, abandonando a estrutura canônica de leitura formal e objetiva em si mesma. Tais observações podem ser vistas nos comentários de Rouxel (2012) ao dizer que

O investimento subjetivo do leitor é uma necessidade funcional da leitura literária; é o leitor quem completa o texto e lhe imprime sua forma singular de pensar e sentir. Não se trata, portanto, de renunciar ao estudo da obra em sua dimensão formal e objetiva, mas de acolher os sentimentos dos alunos, incentivando seu envolvimento pessoal com a leitura. (ROUXEL, 2012, p.1).

Aspectos subjetivos da leitura referem-se aos ecos da memória do leitor, aos seus devaneios, às suas associações de ideias, às suas lembranças, às suas experiências singulares, às reações que aparecem na sua consciência e às diferentes identidades, bem como sentimentos que surgem segundo os momentos do texto literário (ROUXEL, LANGLADE e REZENDE, 2013). Priorizar a abordagem subjetiva na leitura de literatura através do leitor lúdico, que prioriza o prazer e a fruição estética, possibilita mudar as práticas de leitura literária na escola, que são fundamentais para a constituição de sujeitos leitores, como defende Jover-Faleiros (2013), ao afirmar que

Se a formação escolar é uma das importantes mediadoras da relação livro/leitor e se julgamos importante que essa relação seja estimulada por essa formação, além de compreender qual é a natureza da distância que separa o leitor compulsório do leitor lúdico, é preciso aproximá-los ou, talvez, despertar no leitor compulsório, que lê porque deve, o leitor lúdico, que lê porque quer; chegando-se, talvez, a uma espécie de síntese em que a fruição advém da compreensão do processo de construção do(s) sentido(s) no ato da leitura. (JOVER-FALEIROS, 2013, p. 129).

É na interação das emoções vivenciadas na leitura com a razão que o leitor (re)constrói sua humanidade: “Pela leitura sensível da literatura, o sujeito leitor se constrói e constrói sua humanidade” (ROUXEL, 2013, p. 32).

Para Rouxel, Langlade e Rezende (2013), na leitura cursiva ou subjetiva, os leitores, sendo diferentes, configuram subjetividades múltiplas. A leitura subjetiva é,

portanto, um espaço para as permissões, para as “flutuações das impressões singulares dos leitores durante a leitura” (ROUXEL, 2012, p. 8). Para Langlade (2013), o sujeito leitor é um autor da singularidade da obra, porque ele constrói um ‘novo’ texto durante a leitura literária, a partir de seus ecos subjetivos, das suas emoções, dos seus devaneios. Na leitura subjetiva, o leitor reencontra um mundo interior de sensações, um ritmo, porque “os textos agem em vários níveis – sejam eles lidos em voz alta ou ouvidos no segredo da solidão: através de seus conteúdos, das associações que suscitam, das discussões que promovem; mas também de suas melodias, seus ritmos, seu tempo” (PETIT, 2009, p. 61).

O ato da leitura literária subjetiva – caracterizado pelo isolamento, pelo compartilhamento de experiências vitais e sociais, pela resistência, pelo espaço íntimo, público, pelo distanciamento e aproximação da realidade – se cristaliza em dois movimentos: (a) na construção de um universo; e (b) no refúgio diante da hostilidade do mundo (PIGLIA, 2006; PETIT, 2009). Esses movimentos são construídos no ato da leitura a partir da subjetividade, que se configura no papel do leitor empírico e no do leitor fictício. Com efeito, as personagens-leitoras podem determinar, transmitir seus ecos subjetivos ou ensinar a seus leitores modos de ler e de não ler, de sedimentar um repertório ou de não 237ata-vent-lo. Para Melo (2015), a literatura mimetiza o ato da leitura, constituindo e formando leitores literários a partir da experiência de suas personagens-leitoras, como Madame Bovary, que procura atribuir sentido para a sua vida ao ler romances românticos; e em Dom Quixote, que, ao se detectar a leitura de romances de cavalaria como a causa de sua loucura, ocorre uma discussão entre os seus amigos (o cura e o barbeiro) sobre quais livros serão condenados à fogueira.

Essas experiências são compostas por preferências literárias, por articulações de leitura, por constituição de sentidos e por todos os desdobramentos que tais ações promovem. Em todas elas as personagens vão procurar maneiras de compreender o cotidiano, fazendo desse ato possibilidade única de significar. Essas leituras simulam leitores que modificam seus valores e crenças pelo próprio ato de ler, reinterpretando os modos de conhecer e existir. A leitura literária transforma tais leitores-personagem nas suas escolhas literárias, nos modos de ler, na relação com o livro e na forma de recompor o mundo. Ao dar sentido para esse processo de leitura, a personagem-leitora produz estratégias de formação de leitores literários, que são leitores empíricos, bem como vê no outro

procedimento de leitura e compreensão daquilo que se lê. (MELO, 2015, p. 164).

A partir desses aspectos subjetivos, a fim de dar conta dos processos de leitura, com base em Gervais (2013), Ricoeur (2012) e Certeau (1998), apresentamos quatro personagens conceituais ou modalidades de leitores que são construídas na relação privada e singular que se descortina na interação do leitor literário com o texto ficcional. Adotamos a concepção de leitor defendida por Piglia (2006), a partir da sua pergunta “o que é um leitor”. Para ele, “a resposta a essa pergunta – para benefício de todos nós, leitores imperfeitos, porém reais – é um texto: inquietante, singular e sempre diverso” (PIGLIA, 2006, p. 25). Esta definição contribui para a concepção de leitor subjetivo mobilizado nas nossas discussões. A subjetividade leitora é complexa, múltipla, singular. De diferentes modos, leitores diversos, empíricos ou implicados na obra (o caso do fictício) reagem no ato da leitura, como notaremos na discursivização do romance de Italo Calvino, a partir de características que apresentamos das quatro figuras de leitores: o escriba, o intérprete, o vagante e o viajante.

Em primeiro, o leitor escriba é aquele que dá forma definitiva aos movimentos da leitura, costas curvadas sobre o bloco textual (posição do leitor real no ato da leitura, sentado na poltrona, na cadeira, numa rede etc.), registra o pensamento do leitor vagante, do intérprete e do viajante. Ele traça as linhas gráficas da vida, da materialidade linguística. Em poucas palavras, ele é um decifrador, um articulador de sinais, registra o que vê ou ouve, ainda que sem formulação precisa (GERVAIS, 2013, p. 46-47).

Por seu turno, o leitor Intérprete é um operador da maquinaria pesada do social e de suas expectativas, transformando a escrita em escrito. Como um transmissor da leitura íntima daquilo que compartilha a partir de suas apropriações dos materiais recolhidos pelo escriba (GERVAIS, 2013, p. 47).

O leitor vagante, por sua vez, é aquele que perambula olhando para o ar, vagueia de projetos em projeções, perdido nos seus raciocínios, o flutuante, o indeterminado, o devaneio, a imaginação, estado de plena errância, forma positiva e dinâmica de esquecimento. Seus pensamentos são um labirinto em que se perde, sua atenção flutua e o leva para a correnteza, 238ata-vento que jamais se imobiliza, cabeça nas nuvens,

caminhante distraído entre suas lembranças e esquecimentos (GERVAIS, 2013, p. 44-45).

Por fim, o leitor viajante é aquele que se movimenta dentro do texto, junto com o enredo textual, visto que “o todo do texto nunca pode ser percebido de uma só vez; leitor situado no interior do texto viaja com ele” (RICOEUR, 2012, p. 288). Ainda, pensando a partir de Certeau (1998, p. 269-270), “os leitores são viajantes; circulam nas terras alheias; nômades caçando por conta própria através dos campos que não escreveram”.

As construções dos leitores escriba, intérprete, vagante, propostos por Garvais (2013) e viajante, defendido por Certeau (1998), evocam, a nosso entender, uma representação figurativa das estações do ano, no âmbito da subjetividade do leitor empírico, do tempo cronológico e psicológico do leitor real e das imagens sugeridas pelos padrões climáticos, sendo caracterizados pela primavera, verão, outono e inverno, respectivamente. Os padrões climáticos são cíclicos, ocorrendo numa ordem, ininterruptamente. Como a vida do leitor real, os modelos de leitores podem ser cíclicos, mas também acíclicos; podem se apresentar em ordem, porém ainda em desordem; bem como eufóricos (momentos positivos) ou disfóricos (momentos negativos).

Como a ocorrência cíclica, ordenada e ininterrupta das estações do ano, os modelos de leitores são cíclicos, ordenados, simétricos e adinâmicos quando comparados com as fases da vida, infância, juventude, maturidade e terceira idade, que são vividas, biologicamente, nesse marco temporal. Por outro lado, os modelos de leitores são acíclicos, desordenados, assimétricos e dinâmicos, quando podem se apresentar na vida, psicologicamente, de forma simultânea ou alternada, a qualquer momento das fases da existência do sujeito leitor.

O leitor escriba é caracterizado pela primavera. Por seu lado, o leitor intérprete é tipificado pelo verão. O leitor vagante é representado pelo outono. Já o leitor viajante, por seu turno, é caracterizado pelo inverno. Estas estações do ano e dos leitores, com base nos padrões cíclicos, são, nessa sequência, o tempo da infância, da juventude, da maturidade e da terceira idade.

O leitor escriba, caracterizado pela primavera, na leitura literária, vislumbra o tempo das cores que revertem a natureza das paisagens romanescas, em forma de beleza

ímpar; busca viver na leitura um tempo de esperança que pode impactar a sua vida pelo poder da expressão verbal; escreve, na e além da leitura, um tempo de (re)nascimento dos frutos, das flores, da gestação de sonhos, de amor. O escriba constrói novos capítulos boreais, por isso, vive a fase da infância, do nascimento, das descobertas, da contemplação dos fenômenos da vida e da natureza no texto, para ele há sempre o novo. Tempo de reino encantado, de príncipes e de princesas, da varinha de condão, dos bosques paradisíacos, das cantigas, dos contos maravilhosos e fantásticos.

O leitor intérprete, cristalizado na estação verão, busca vislumbrar, na leitura literária, a luz, o *logos*, os sentidos das palavras, como o resplandecer do sol que desvenda os segredos da natureza; o tempo da força da luz das imagens e ideias denotadas e conotadas no texto. Esse leitor busca viver na leitura uma construção plena de sentidos do escrito na escrita da vida, ao extrair da materialidade literária percepções e conhecimentos. É o tempo de desvendamento de segredos da vida no texto literário, enquanto representação/recriação da realidade. É o tempo da vida, da construção dos sentidos, da abstração máxima dos elementos linguísticos, em plenitude. Ler e interpretar cristalizam um tempo de dias longos de intenso raiar da expressão textual, a literariedade é sua busca. Compreender a escrita permite ao leitor vivenciar os sonhos, as paixões, os enredos nas narrativas, a melopeia, a fanopeia e a logopeia na poética. É tempo do vigor da juventude, da euforia, de se aventurar em leituras, cujos sentidos são mais profundos e vibrantes.

Por sua vez, o leitor vagante é caracterizado pelo outono. É o tempo dos ventos fortes, das folhas que caem, das perdas, dos sonhos frustrados. Tempo de se refugiar na leitura, emanada de pessimismo, de desencanto, de solidão. O leitor no outono vive o amarelar das percepções dos fenômenos existenciais, da vida que vai se declinando. É tempo de desencanto, de devaneio, de fantasiar o futuro. É a vida em processo de lapidação, que se renova com a chegada de novos ares, novas folhas. É tempo de esperança, de crescimento, de colheita, de escolher as obras a serem lidas, por prazer; de indicar boas leituras. É tempo de germinação da experiência, de procurar preencher as lacunas de sentidos da vida. É o tempo da maturidade.

Por último, o leitor viajante é caracterizado pelo inverno. É o tempo das chuvas fortes, do frio, de pouca luz, das noites longas. É a vida que se retrai. É tempo de pouca produtividade. É tempo de descansar, de se recolher. É o tempo da disforia, dos

dissabores do pouco vigor, da leve percepção dos sentidos. Para parafrasear o belo título de Calvino, pode-se dizer que um leitor viajante no inverno vive de desconfianças e afetos confusos, migra de sentimento em sentimento. A leitura é terapia, lazer, como pode ser tratamento de demências cerebrais. É o tempo da terceira idade.

As modalidades desses leitores – cuja realização pode ser ordenada, no tempo biológico ou desordenada, no tempo psicológico – incorporam as ideias e impressões da obra literária, conjugadas às experienciais pessoais de cada leitor. A riqueza contedística da leitura – que permite a construção de uma diversidade de modelos de leitores, que não se limita a estes apresentados – e a expressão da subjetividade que cada leitor faz da materialidade literária apontam para a função humanizadora da literatura. O leitor encontra na leitura literária, na primavera, no verão, no outono ou *numa noite de inverno*, uma fonte para as suas necessidades, que, segundo Candido (2002), são três: psicológica; educativa; e social. A primeira, na esfera do prazer, refere-se à fantasia, à imaginação e ao devaneio que são necessidades do leitor. Já a segunda e a terceira relacionam-se, respectivamente, à formação cognitiva e à compreensão, construção e sedimentação de conhecimento do mundo e do ser, contribuindo, ambas, para o desenvolvimento da personalidade, da cidadania planetária, uma vez que “a literatura é sobretudo uma forma de conhecimento, mais do que uma forma de expressão e uma construção de objetos semiologicamente autônomos” (CANDIDO, 2002, p. 85). Nesse sentido, também Abreu (2006, p. 82) afirma que a literatura é forma de humanização do sujeito, porque “promove o aprimoramento da intelectualidade, o desenvolvimento de um sentido ético e um olhar mais aguçado sobre a realidade”.

4 Figuras do leitor em *Se um viajante numa noite de inverno*

O romance de Calvino se alterna entre dez romances inacabados (com variados títulos e autores imaginários) e doze capítulos sobre a jornada das personagens Leitor (Você) e Leitora (Ludmilla), que vão em busca do fim da leitura dos romances dos quais iniciaram a leitura. A procura da obra completa e “original” sempre os leva ao encontro de outros romances, diversos, instigantes e surpreendentes, mas sem um fim narrativo.

Na obra há uma menção ao que alguns críticos, leitores de gosto apurado e leitores médios consideram por narrativas acabadas, que narram tudo que devem narrar: “há sempre alguma coisa essencial que permanece fora da frase escrita; aliás, as coisas que o romance não diz são necessariamente mais numerosas que as que ele diz” (CALVINO, 1999, p. 207). Os textos ‘acabados interrompidos’ no romance clarificam a importância do papel do leitor subjetivo, que, mesmo diante de textos ‘incompletos’, é capaz de atribuir-lhes sentidos, retendo emoções, frustrações, negações, quebras de expectativas de horizontes; e construindo representações, devaneios, fins imaginários para os romances.

No âmbito da recepção estética dos dez romances interrompidos presentes na obra de Italo Calvino e da teoria do efeito provocada nas personagens leitoras da narrativa, mobilizamos nesta análise aspectos teóricos como leitura subjetiva, modelos de leitores, pontos de indeterminação, repertórios e fruição. No papel das personagens Leitor e Ludmilla, em especial, analisamos o percurso personalíssimo da leitura no romance, a partir das figuras subjetivas dos leitores: escriba, intérprete, vagante e viajante, sendo relacionados às estações climáticas. Essas figuras de leitores, embora apresentadas em separado, são interdependentes. O leitor viajante, por exemplo, depende do vagante para se constituir, sendo que este depende do escriba e do intérprete, estabelecendo uma rede de articulações conceituais.

4.1 Leitor escriba

O leitor escriba se apresenta logo no princípio do romance. Ele é retratado como aquele que decifra e articula os sinais, dando forma ao pensamento, à imaginação, ao ato de representação das imagens primaveris que emergem da obra, bem como àquele que se debruça sobre o livro para lê-lo. O leitor real ou empírico, para realizar uma leitura prazerosa, busca uma posição mais cômoda. Há, sem sombra de dúvida, uma idealização nesse modo de ler, no qual o leitor acomoda e objetiva o corpo e a alma para o ato de ler. A leitura é algo que não pode mais ser interrompido, no qual a existência física passa a ser para ela uma extensão. Corpo e sentidos em (re)construção, vida em

interação com a textualidade, movimentos sacádicos dos olhos na textura da narrativa.

Ou pelas palavras do narrador:

Escolha a posição mais cômoda: sentado, estendido, encolhido, deitado. Deitado de costas, de lado, de bruços. Numa poltrona, num sofá, numa cadeira de balanço, numa espreguiçadeira, num pufe. Numa rede, se tiver uma. Na cama, naturalmente, ou até debaixo das cobertas. Pode também ficar de cabeça para baixo, em posição de ioga. Com o livro virado, é claro. (CALVINO, 1999, p. 11).

O professor Uzzi-Tuzii, na função desempenhada de professor, pesquisador e tradutor – que vai decifrando os signos da obra *Ciméria* para o Leitor e Ludmilla – é um expoente da figura do leitor escriba, uma vez que ele vai desvendando os segredos gráficos, sintáticos e parafrasais, favorecendo o desabrochar das cores do discurso: “o professor Uzzi-Tuzii começara sua tradução oral como se não estivesse bem seguro do encadeamento das palavras umas com as outras, voltando ao início do período para reordenar os deslizos sintáticos, manipulando as frases até moldarem-se completamente, amarrotando-as, retalhando-as” (CALVINO, 1999, p. 74).

Há também evidência da figura conceitual do leitor escriba no capítulo 11, como leitor que decifra e articula as palavras, que procura ordenar para compreender todos os enunciados e seus aspectos sintáticos: “Na imensidade da escrita a atenção do leitor distingue segmentos mínimos, aproximação de palavras, metáforas, núcleos sintáticos, transições lógicas, peculiaridades lexicais que se revelam densas de significado extremamente concentrado” (CALVINO, 1999, p. 257). Esse leitor escriba parece se aproximar de uma espécie de leitor modelo, que encontra e distingue “os segmentos mínimos”, sendo capaz de absorver o texto em profundidade. Como um escriba, traz do texto suas potencialidades e as compreende, transcreve num ato que “traduz”, ainda que vacilante, “o que é um texto literário”.

Os aspectos desse leitor são a posição que assume perante o livro ou, noutras palavras, o modo como lê e descodifica os sinais linguísticos da obra, que podem ser vistos na figura da jovem leitora, na África:

[...] num aeroporto africano, entre os reféns do sequestro que esperam abanando-se e deitados no chão, ou encolhidos sob os cobertores distribuídos pelas aeromoças por causa da brusca queda de

temperatura à noite, Marana admira a calma imperturbável de uma jovem encostada a um canto, com os braços cingindo os joelhos flexionados sob a saia comprida, os cabelos caindo sobre o livro que lhe esconde o rosto, a mão despreocupada virando as páginas como se tudo que é essencial fosse decidido ali, no próximo capítulo. (CALVINO, 1999, p. 131).

Em uma situação de angústia devido ao sequestro e ao frio intenso, uma jovem lê despreocupada. Ela é, por assim dizer, o poder de emancipação da literatura salientado por Jauss (1993). A leitora, embora esteja entre os reféns, encontra uma liberdade, uma “calma imperturbável” na leitura que faz durante o dramático episódio. A jovem encontra na leitura horizonte de expectativas que cria a possibilidade para novas experiências, passadas e futuras, diferentemente do horizonte de expectativas da vida prática do momento, que tenderia a deixá-la aflita, pensando na inevitabilidade da morte. Portanto, a leitura é uma âncora para o leitor flutuante, para o escriba; é também uma forma de resistir às adversidades da vida (PETIT, 2009) (PIGLIA, 2006). Ainda que não se saiba o que a leitora lê – no máximo que é um livro dividido por capítulo –, pode se dizer que ela renasce no ato ler, que, provavelmente, passeia por paisagens fantásticas, arbóreas e aromáticas, enquanto o mundo cai ao seu redor; como escriba, escreve novos capítulos para a sua vida prática. Ela vive o reino da infância, onde tudo é mágico. É o tempo da primavera.

4.2 Leitor intérprete

O leitor Intérprete é um construtor de sentidos. De maneira que também ele se aproximaria de um tipo de leitor modelo, implícito, implicado na obra (ISER, 1996, 1999). Para entender este leitor na obra de Italo Calvino, voltemos à personagem, o professor Uzzi-Tuzii, que, durante a tradução que faz do romance, na tentativa de construir sentidos e de clarividenciar as *gestalten* (ISER, 1999) para o Leitor e para Ludmilla, mobiliza a gestualidade, interrompe a leitura para esclarecimentos, busca o *logos*, a luz. Para tanto, ele funde as imagens de tradutor, crítico, exegeta, enfim, aquele que mobiliza todas as estratégias para compreender o que lê. Sabedor do texto, próximo ao seu contexto de escrita e produção, ele consegue dar sentido ao texto; propor

interpretações e clareza das imagens da narrativa que preenchem as lacunas daqueles que observam o ato da leitura.

Detendo-se em cada vocábulo para ilustrar-lhe os usos idiomáticos e as conotações, acompanhando de gestos envolventes como se para convidar você a satisfazer-se com equivalências aproximativas, interrompendo-se para enunciar regras gramaticais, derivações etimológicas, citações de clássicos. (CALVINO, 1999, p. 74).

Ludmilla, por seu turno, é um tipo de leitora intérprete que assimila os sentidos patentes que emergem da obra. Interpretar o indizível no romance parece escapar-lhe. É a leitora Lotaria, irmã de Ludmilla, que a define como devoradora de romances, mas que ela não propõe nenhum questionamento sobre a leitura. Para Ludmilla, a interpretação e assimilação (aqui vistas como unidas) deveriam escapar ao dizível na obra: “[...] gostaria que as coisas que leio não estivessem todas ali, concretas a ponto de ser tocadas, e sim que se pudesse captar ao redor algo que não se sabe exatamente o que é, o sinal de não sei o quê...” (CALVINO, 1999, p. 52). Como um tipo de leitora que vai procurando as lacunas do texto literário, que vive mais do que não está dito nele, Ludmilla procura satisfazer seu olhar decifrador devorando o texto, captando “ao redor algo que não sabe exatamente”.

Diferentemente de Ludmilla, o terceiro leitor apresentado no capítulo 11 do romance é um operador de sentidos, que transforma o escrito (a obra) em escrita pessoal e social (novas experiências abstraídas da obra). Ao extrair percepções e conhecimentos do texto, o leitor busca viver momentos marcantes e plenos, cheios de intenso resplandecer. É a vivência da estação verão. Ele reconstrói a significação íntima num movimento constante e aberto, sempre para a frente. Ele se apodera do material recolhido pelo escriba para construir novas interpretações na releitura de romance, criando sentidos, portanto, além do dizível: “Toda vez que tento reviver a emoção de uma leitura precedente, experimento novas e inesperadas impressões e já não encontro as de antes” (CALVINO, 1999, p. 258). Assim, esse leitor vai desvendando os segredos do texto literário, evidenciando ideais e impressões recriadas da realidade interna e externa a sua vida. É a literatura em processo de mimese da vida do leitor real. Ler e interpretar, buscando os sentidos mais profundos, vão permitindo ao leitor vivenciar

novos sonhos, paixões inusitadas, enredos vibrantes, como o tempo do verão, da juventude.

4.3 Leitor vagante

Andantes em busca de um livro que se esvai em todas as tentativas, as personagens Leitor e Ludmilla podem ser caracterizadas pela figura do vagante. Aquele que perambula e flutua em pensamentos, levado pela correnteza do vento do outono, pelo devaneio de outro leitor, que está presente no romance/capítulo “Debruçando-se na borda da costa escarpada”. Durante sua leitura em voz alta, realizada pelo professor de literatura Uzzi-Tuzii, estudioso da língua ciméria, o Leitor, em estado de plena errância da imaginação no ato da leitura, demora a perceber a chegada atrasada de Ludmilla, no encontro marcado na sala desse professor para checarem a continuidade de outro romance/capítulo “Fora do povoado de Malbork”. Como se vê na fala do Leitor, logo após o início da leitura de Uzzi-Tuzii:

Agora, ao redor de você não existe mais a saleta do departamento, as prateleiras, o professor: você entrou no romance, vê aquela praia nórdica, acompanha os passos do homem frágil. Você está tão absorto que demora a perceber uma presença a seu lado. Com o canto do olho, distingue Ludmilla. Está ali, sentada sobre uma pilha de volumes infólio, também ela inteiramente propensa a escutar a sequência do romance. Ela chegou neste momento ou escutou a leitura desde o início? Entrou em silêncio sem ter batido? [...]. (CALVINO, 1999, p. 75-76).

O Leitor vagante na obra está absorto em pensamentos. Vagueia pela costa escarpada, pela praia, distraído entre suas lembranças e esquecimentos (GERVAIS, 2013). Os esquecimentos são folhas que caem com o soprar dos ventos, das novas experiências vividas. O aspecto vagante dessa personagem e de Ludmilla nessa cena pode ser percebido na leitura de outro romance/capítulo “Sem temer o vento e a vertigem”, realizada por um grupo comandado por Lotaria, irmã de Ludmilla. Após a interrupção de mais um enredo, o narrador comenta sobre o Leitor: “Só você permaneceu ali suspenso, você e Ludmilla, pois ninguém mais pensa em retomar a leitura” (CALVINO, 1999, p. 95). Leitor e Leitora estavam envolvidos, suspensos,

vagando, na leitura do romance existencial e revolucionário. Ludmilla, na figura de leitora vagante, vive, gravita entre memórias, devaneios e esquecimentos nas diversas leituras romanescas que realiza: “Ludmilla, leitora de vários livros ao mesmo tempo, tende a viver simultaneamente também outras histórias, para não deixar-se surpreender pela desilusão que cada história pode reservar-lhe” (1999, p. 151).

O leitor vagante encontra na leitura prazerosa um espaço de realização, de escape do pragmatismo da vida. A personagem, o Diretor-geral da Polícia do Estado, deleita-se na leitura de obras, entre elas, as proibidas. Observemos no trecho: “Depois, à noite (...), deito-me neste divã, introduzo no projetor de microfimes a película de um escrito raro, de um dossiê secreto, e me concedo o luxo de degustá-lo para meu exclusivo prazer” (CALVINO, 1999, p. 241). Fruição, gozo, devaneio, escapismo e errância são aspectos presentes na figura do primeiro leitor apresentado no capítulo 11 do romance de Calvino. Esse momento é singular, quando o Leitor, agora na biblioteca – único lugar possível para finalizar a busca pelo final das narrativas – procura encontrar a obra “original”, que se procura desde o início. Se não é possível encontrar o “texto completo” de *Se um viajante numa noite de inverno*, é possível, pelo menos, encontrar vários leitores, que anunciam outros modos de ler a literatura, outros modos de desejar e se correlacionar com o texto literário (MELO, 2015). Este Leitor é, e com ele toda a leitura literária, como um catavento que gira constantemente, cabeça nas nuvens, olhar perdido, caminhante distraído, que parece viver no mundo da lua.

– Não se espante de ver meu olhar constantemente perdido. Este é meu modo de ler, e só assim a leitura me é proveitosa. Se um livro me interessa de verdade, não consigo avançar além de umas poucas linhas sem que minha mente, tendo captado uma ideia que o texto propõe, um sentimento, uma dúvida, uma imagem, saia pela tangente e salte de pensamento em pensamento, de imagem em imagem, num itinerário de raciocínios e fantasias que sinto a necessidade de percorrer até o fim, afastando-me do livro até perdê-lo de vista. (CALVINO, 1999, p. 257).

O vagante leitor no outono vive de lembranças e esquecimentos, sem temer o vento e a vertigem. Os sentimentos e ideias do leitor vagante, como as folhas do outono, amarelam, saltam de pensamento em pensamento, saem pela tangente e a vida vai se declinando. É tempo de devaneio, de fantasiar as imagens textuais. O movimento de

esquecer e lembrar, afastar e aproximar do livro na leitura mostra a vida do leitor em processo de lapidação. A vida vai se renovando com a chegada de novos ventos, e trazem em seu bojo novas folhas, novas memórias, devaneios, ideias e impressões. Assim, esse leitor vai germinando em experiências, num movimento de preenchimento das lacunas dos sentidos da vida. É o tempo da maturidade.

4.4 Leitor viajante

Se o leitor vagante é um caminhante distraído, o leitor viajante é um andante atento. Concebemos o leitor viajante como uma junção/relação interdependente do leitor empírico, real e subjetivo com o leitor implícito ou modelo. A viagem dentro do texto, junto com e no enredo textual, é realizada por dois leitores, o empírico e o implícito, na leitura do romance, viajamos com as personagens da narrativa. Para fins didáticos, abordaremos em separado as duas viagens: a viagem pelo mundo do leitor empírico e a pelo mundo do texto.

Para seguirmos viagem pelo mundo do leitor empírico, embarcaremos no voo do Leitor, que partirá para a Ircânia: “o Leitor está mesmo prestes a partir. Levará consigo ‘No tapete de folhas iluminadas pela lua’, de Takakumi Ikoka, para ler durante a viagem” (CALVINO, 1999, p. 202). Atentos às instruções do voo: “Você aperta o cinto. O avião vai aterrar” (p. 214).

Como andante atento, sempre em busca da continuidade da leitura do romance, o Leitor viaja, se movimenta, de lugar em lugar. Passa pela livraria, casa de Ludmilla, cafeteria, sala do professor na universidade, sede da editora, prisão, aeroporto, África e Ircânia. Retomemos a viagem para a Ircânia. Lá estamos com o Leitor, num jardim público: “Um vento gelado varre os jardins públicos da capital da Ircânia. Você está sentado num banco à espera de Anatoly Anatolin, que deve entregar-lhe o manuscrito de seu novo romance, ‘Que história espera seu fim lá embaixo?’” (CALVINO, 1999, p. 247).

O Leitor é um viajante incansável, apaixonado pela caçada que faz da obra. Ele não está só na jornada, tem a companhia de Ludmilla: “Essa caçada o apaixona porque é feita com ela, porque podem vivê-la juntos e comentá-la enquanto a vivem”

(CALVINO, 1999, p. 97). O Leitor, que está pronto para partir a qualquer momento em busca de resposta para a continuidade da leitura do romance, tem também a nossa companhia na exploração do continente:

Você estaria pronto para partir imediatamente, atravessar o oceano, explorar o continente sob o Cruzeiro do Sul, até localizar o último esconderijo de Hermes Marana, para arrancar-lhe a verdade ou pelo menos obter dele a continuação dos romances interrompidos. (...) você não vê a hora de correr até o café onde tem um encontro com Ludmilla, para relatar-lhe os confusos resultados de sua pesquisa e para convencer-se, ao vê-la, de que não pode haver nada em comum entre ela e as leitoras encontradas mundo afora pelo tradutor mitômano. (CALVINO, 1999, p. 135).

A viagem pelo mundo do leitor empírico da personagem Leitor, depois de uma volta ao mundo em busca de um livro a outro, tem seu ponto de chegada na biblioteca. Ir à biblioteca seria uma possibilidade de encontro com o fim dos romances sempre interrompidos ou um iniciar para novas jornadas: “Leitor, é hora de sua agitada navegação encontrar um ancoradouro. Que porto pode acolhê-lo com maior segurança que uma grande biblioteca? Certamente haverá uma na cidade da qual partiu e à qual retorna depois de uma volta ao mundo de um livro a outro” (CALVINO, 1999, p. 256).

Quanto à viagem pelo mundo do texto, viajamos com e no enredo das narrativas dos dez romances lidos pelo Leitor e Ludmilla. Como leitores viajantes, circulamos em terras alheias, somos nômades, caçamos furtivamente. No capítulo ou romance “Se um viajante numa noite de inverno”, viajamos com o protagonista que está na estação ferroviária. Em “Fora do povoado de Malbork”, partimos da cozinha de Kudgiwa para ouvirmos relatos de assassinatos entre as famílias Ozkart e Kauderer. Em “Debruçando-se na borda da costa escarpada”, caminhamos até o porto, passeamos pelo cais, pelo observatório meteorológico. Na narrativa “Sem temer o vento e a vertigem”, andamos pelas ruas marcadas pelas revoluções, sobre a ponte férrea. Em “Olha para baixo onde a sombra se adensa”, viajamos no carro de Ruedi e Bernadette, assassinos de Jojo, para um descampado. No romance “Numa rede de linhas que se entrelaçam”, fazemos *jogging* na colina com o protagonista, vamos à universidade. Na obra “Numa rede de linhas que se entrecruzam”, levam-nos enjaulados para uma sala de espelhos no porão. Na narrativa “No tapete de folhas iluminadas pela lua”, vamos para o Japão,

caminhamos na borda do lago. Em “Ao redor de uma cova vazia”, cavalgamos com o jovem Nacho até uma aldeia nas colinas. E em “Que história espera seu fim lá embaixo?”, caminhamos ao longo da avenida da cidade, de onde as pessoas e objetos desaparecem.

A busca sem fim pela obra “original” que fazem o Leitor e Ludmilla, nas duas viagens empreendidas por essas personagens internas do romance de Italo Calvino – pelo mundo do leitor empírico e pelo mundo do texto – e a jornada que realizamos enquanto leitores empíricos da narrativa calviniana sugerem a construção plural dos sentidos que um texto literário pode apresentar, frente às subjetividades múltiplas de cada leitor; bem como evocam a vida do leitor real como um processo inacabado, sempre em construção, na busca de sentidos, em rotação, como as estações primavera, verão, outono e inverno.

O leitor viajante, caracterizado pelo inverno, vive, portanto, um processo de constantes buscas, cuja percepção dos sentidos do texto e da vida, nem sempre o levará ao encontro de flores, de luz, de ventos amenos, de florestas verdejantes, mas ao encontro de chuvas fortes, de frio intenso, de pouca luz, de noites longas e melancólicas. E a vida do leitor viajante e da leitura literária poderão se retrair ante os horizontes oblíquos textuais, às paisagens noturnas desérticas friorentas. É o tempo de invernar, depois de tanto decifrar sinais, interpretar os sentidos literários, de devanear pela escrita e pela vida. É tempo de descansar, de se recolher, depois de muito viajar pelo mundo narrativo e poético. Entretanto, o que interessa mesmo ao leitor viajante numa noite de inverno é viajar pelos sentidos do texto e da vida; pois, do contrário, sua alma e seu corpo indolente e frio serão sufocados pelos dissabores do pouco vigor, pela pouca percepção da gustação, audição, visão, do tato e olfato. Não caberá outra tangente, a não ser viver de desconfianças e sentimentos confusos. E a leitura literária, talvez, sirva-lhe de terapia, de lazer, de panaceia, de tratamento de demências cerebrais. E a vida, num movimento crepuscular, do amanhecer ao entardecer, numa noite de inverno, vai conduzindo o leitor real na leitura da narrativa para a borda da costa escarpada, ao redor de uma cova vazia. É o tempo da terceira idade.

Considerações finais

Em *Se um viajante numa noite de inverno*, na figura das personagens centrais do romance, o Leitor e Ludmilla, a leitura literária adquire um percurso personalíssimo, subjetivo, no qual os pontos de indeterminação, os lugares vazios são preenchidos pelos ecos, devaneios, emoções, repertórios e imaginações dos leitores fictício e empírico. A jornada do Leitor e da Leitora à procura da continuidade de uma narrativa, além de abrir a discussão sobre o ‘acabamento interrompido’ – em que os pontos em aberto podem ser preenchidos pelas representações/imaginações elaboradas pelo leitor – levanta a discussão sobre o papel do sujeito na interpretabilidade da obra. Esta temática aponta para reflexões como o que é o leitor? o que é a leitura literária? e se os leitores real e implícito numa noite de inverno, na borda do penhasco, que história espera seus fins lá embaixo?

Apresentamos alguns modelos de leitores que se fazem prementes no ato da leitura subjetiva, cuja abordagem, sob o viés da teoria do Efeito Estético, revaloriza a voz íntima do leitor. Uma definição da leitura veiculada pelo romance de Calvino desvela o aspecto aberto da interpretação da obra. Tal abertura pode ser visualizada na voz de Ludmilla, para quem “_ Ler é ir ao encontro de algo que está para ser e ninguém sabe ainda o que será...” (CALVINO, 1999, p. 78), bem como na voz do leitor que diz “_ Pronto, agora você vê a leitora debruçada a perscrutar além da margem da página impressa o despontar no horizonte de navios vindos para salvar ou para invadir, as tempestades...” (CALVINO, 1999, p. 78).

O leitor subjetivo estabelece, na leitura, uma relação de intimidade, de isolamento, de solidão, de construção de sentidos, conhecimentos e impressões, cujas imagens são conotadas pelas palavras noite e inverno e relacionadas aos modelos de leitores e padrões climáticos. Nessa relação de isolamento, de construção subjetiva da interpretação, o leitor se debruça sobre o texto, na borda da costa dos capítulos, na densa sombra dos enunciados, numa rede de linhas textuais, no tapete de folhas iluminadas pelo luar dos seus repertórios, ao redor de uma cova vazia misteriosa, assumindo riscos de sentir prazer ou desprazer, negando ou confirmando horizontes de expectativas.

Nessa relação fruidora com a leitura da obra, que história então espera os fins dos leitores real e implícito lá embaixo, no despenhadeiro? Anular a voz subjetiva do leitor real, as suas percepções e devaneios, em detrimento da ênfase no texto e/ou no

autor, é decretar a sua morte diante do texto, é enterrá-lo na cova vazia ou lançá-lo no precipício. Por outro lado, valorizar o espaço personalíssimo do leitor empírico é decretar a sua importância na interação autor-texto-leitor. Dito isto, os modelos de leitores escriba, intérprete, vagante e viajante, figurativizados pelas estações primavera, verão, outono e inverno, contribuem para a imortalidade da figura do leitor subjetivo. Assim, a história que contamos neste trabalho não decreta o fim do leitor subjetivo, a sua morte no despenhadeiro, e contraria um dos finais, o da morte, postulados pela narrativa clássica, no qual restavam apenas duas opções: a continuidade da vida e a inevitabilidade da morte: “_ O senhor acredita que toda história precisa ter princípio e fim? Antigamente, a narrativa tinha só dois jeitos de acabar: superadas todas as provações, o herói e a heroína se casavam ou morriam” (CALVINO, 1999, p. 262).

Em síntese, os modelos de leitores apresentados, caracterizados pelas estações do ano e pelas etapas da vida, realçam a prática da leitura subjetiva. O leitor real, diante dos modelos de leituras sugeridas pelo texto, vai fazendo escolhas, construindo seus sentidos e sua vida, a partir da interação com o leitor implicado (que é uma construção do autor) na narrativa. Entretanto, como a vida que vai se declinando no ocaso, o leitor real, por questões biológicas, vai se recolhendo numa noite de inverno, diferente do leitor implícito que, na leitura literária, vai se eternizando.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. *Cultura Letrada: literatura e leitura*. São Paulo: ENESP, 2006.
- CALVINO, I. *Se um viajante numa noite de inverno*. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- CANDIDO, A. A literatura e a formação do homem. In: *Textos de intervenção* – seleção, apresentações e notas de Vinícius Dantas. São Paulo: Duas Cidades Editora 34, 2002. (Coleção Espírito Crítico).
- CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- EAGLETON, T. *Teoria da literatura: uma introdução*. Tradução de Wlensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- GERVAIS, B. Três personagens em busca de leitores: uma fábula. In: ROUXEL, A.; LANGLADE, G.; REZENDE, N. L. de (orgs.). *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. Tradução de Amaury C. Moraes et al. São Paulo: Alameda, 2013, p. 39-52.

ISER, W. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Tradução de Johannes Hretschmer. v. 1. São Paulo : Ed. 34, 1996.

_____. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Trad. Johannes Hretschmer. v. 2. São Paulo : Ed. 34, 1999.

JAUSS, H. R. *A literatura como provocação (história da literatura como provocação à teoria literária)*. Lisboa: Vega, 1993.

_____. A estética da recepção: colocações gerais. In: LIMA, Luiz Costa. *A literatura e o leitor*. Textos de estética da recepção. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

JOVER-FALEIROS, R. Sobre o prazer e o dever ler: figurações de leitores e modelos de ensino da literatura. In: DALVI, M. A.; REZENDE, N. L. de; JOVER-FALEIROS, R. (orgs.). *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013, p. 113-134.

LANGLADE, G. O sujeito leitor, autor da singularidade da obra. In: ROUXEL, A.; LANGLADE, G.; REZENDE, N. L. de (orgs.). *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. Tradução de Amaury C. Moraes et al. São Paulo: Alameda, 2013, p. 25-38.

MELO, M. A. Entre livros, leitores e realidade. *Via Atlântica*, n. 28, São Paulo, dez. 2015, p. 161-176.

PETIT, M. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Ed. 34, 2009.

PIGLIA, R. *O último leitor*. Tradução de Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RICOEUR, P. *Tempo e narrativa*. Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2012, p. 267-309.

ROUXEL, A. Práticas de leitura: quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor? Trad. de Neide Luzia de Rezende e Gabriela Rodella de Oliveira. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 42, n. 145, jan/abr., p. 277-283, 2012.

ROUXEL, A.; LANGLADE, G.; REZENDE, N. L. de (orgs.). *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. Tradução de Amaury C. Moraes et al. São Paulo: Alameda, 2013.

ROUXEL, A. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. In: DALVI, M. A.; REZENDE, N. L. de; JOVER-FALEIROS, R. (orgs.). *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013, p. 17-34.

Recebimento: 15/03/2018

Aceite: 17/09/2018